

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA

Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

Série: “Mundo na sala de aula”

“Serendíпия: Há espaço para amizade no trabalho de campo?”

Publicado: 14/09/2020

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Extras

ABERTURA

Música de abertura: “Quem canta” (instrumental, ritmo alegre e descontraído, trazendo sentimento de leveza)

LUISA: Oi, pessoal... Tudo tranquilo por aí? Meu nome é Luísa, sou estudante de Antropologia na Universidade de Brasília.

HUGO: E eu sou Hugo Virgilio, também estudante de Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Esse é o Mundo em Sala de Aula, uma série do Mundaréu pensada para e por nós, estudantes. Essa é uma série produzida também com a parceria entre a UnB e a Unicamp.

LUÍSA: Eu me encontro no sexto semestre da graduação e quero falar com vocês, nesse episódio, sobre um assunto que nos permeia e muitas vezes nos aflige: o que nos aguarda na pesquisa de campo? o que esperar dos nossos interlocutores? Como se relacionar com eles? E será que, em meio a tudo isso, é possível desenvolver uma amizade? e quando não acontece, o que que a gente faz?

HUGO: É... esse mistério que fica pra gente, na graduação, sobre fazer pesquisa, como entrar em contato com as pessoas, o quanto devemos nos aproximar, será temos que desenvolver intimidade para poder fazer antropologia?

LUÍSA: Pois é, Hugo. E assim, desde o início do curso de Antropologia, eu vejo que desenhar uma pesquisa, começar o trabalho de campo nos causa muito receio mesmo. Até porque nos é apresentado mesmo como algo distante, cheio de roteiros, conceitos teóricos e objetivos firmados antes mesmo de conhecer nossos interlocutores. Então, para falarmos desse assunto quero trazer a Clarice e a Iranice, que foram as convidadas do episódio 7 lá do Mundaréu, para mostrar outras possibilidades que temos na pesquisa e também pra conversarmos mais sobre essas dúvidas. E aproveitando, pra quem tiver curiosidade em ouvir, esse episódio lindo tá em todas as plataformas do Mundaréu.

HUGO: Demais, Luísa!! O episódio da Clarice e da Iranice nos conta muito sobre o inesperado. Coisas que a gente só sabe vivendo, naquela hora ali, no acontecimento. E também sobre como nós somos potenciais transformadores daquilo que nos cerca, e a amizade pode até fazer parte disso né. Mas eu pergunto, toda pesquisa cria amizades? e quando essa troca não é tão intensa?

BLOCO 1: Serendíпия

(00:38- 00:58) Falamansa - Amigo Velho (uma espécie de xote com forró):

LUÍSA: Estudando introdução a antropologia nos primeiros semestres, temos a sensação de que o método antropológico de pesquisa é bem definido, objetivo e impessoal. Paira um pressuposto de que temos que ser neutros, né? Não podemos nos revelar enquanto pessoas, não podemos dar nossa opinião ou mesmo que precisamos ficar distantes e não nos envolvermos muito ao fazer ciência.

HUGO: Em contraste a essa rigidez objetiva, a relação da Clarice com a Iranice, a antropóloga e sua interlocutora, apresenta outros tipos de vínculos. Vamos ouvir:

Clarice: A Iranice ela é a cofundadora né, da Mão Amiga, junto com a Mônica. Quando cheguei lá primeira vez, foi a primeira vez quando liguei coisa e tal ela foi a primeira pessoa com quem eu conversei, e assim rolou uma identidade muito gran... tem uma sintonia com a Iranice que é mais profunda, é... a Iranice ela é, tem uma coisa da minha história pessoal, meu pai é paraibano, a minha mãe também, embora eu acho que ela é mais pernambucana, ela só nasceu na Paraíba e foi criada em Pernambuco, mas meu pai nasceu na Paraíba e morou lá até os 8 anos e coisa e tal, a Iranice também é paraibana.

(01:08 - 01:28) Falamansa- Amigo Velho (uma espécie de xote com forró):

HUGO: Antes de avançar, quero apresentar melhor a Clarice e a Iranice pros nossos ouvintes. A Clarice Rios é graduada em psicologia, fez doutorado em antropologia sociocultural e especialização em antropologia psicológica lá na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) e fez pesquisa na Mão Amiga, uma associação de pais de autistas que fica na Pavuna, lá no Rio de Janeiro. E a Iranice do Nascimento é uma dessas mães que busca informações e um entendimento melhor da condição do filho autista e, junto com a Monica Acioly, uma fonoaudióloga, ela ajudou a criar a Mão Amiga.

LUÍSA: Exatamente, Hugo... E ouvindo essa história, na pesquisa, a Clarice dá vida ao significado de Serendíпия né, que é: a capacidade de encontrar coisas que não se esperava, de ver em situações inusitadas seus potenciais de renovação e assim, fazer outros tipos de vínculo e, no caso da pesquisa de campo, também fazer avançar a Antropologia.

HUGO: Então, a Serendíпия é uma habilidade importante de desenvolvermos na nossa área!

LUÍSA: Sim, total... da gente tá aberto aos imprevistos né, de aproveitarmos ao máximo tudo que nos chega. A Clarice esteve aberta a experienciar uma relação diferente com a Iranice, uma relação diferente dessa “eu aqui e você ali”, de distância e de superioridade. Elas inclusive falam muito sobre isso, sobre conhecer uma a outra, conhecer o dia a dia, as experiências, as ideias, os caminhos que as levaram até ali.

HUGO: É... fica claro como Clarice e Iranice, aos poucos, se tornaram pessoas presentes um na vida da outra, para além da pesquisa. Mas é legal ver também que a Clarice fala dessa realidade de que às vezes você vai dar mais certo com uma pessoa e com outra também, mas não com a mesma intensidade, ou as vezes nem se dá bem também né kkkk! Então, será que a amizade é uma condição para a Antropologia acontecer? Tipo, será que pra gente fazer uma boa pesquisa tem que virar amigo ou ter uma relação de proximidade?

LUÍSA: São relações né, assim como na nossa vida normal as coisas se dão assim, tem gente que você cria afinidade, dá mais certo e acaba virando amigo; gente que nem tanto; e gente que você nem gosta muito no final das contas. Então, assim como existem coisas que nos aproximam, como no caso da Clarice e da Iranice, também existem coisas que nos impedem de desenvolver algum tipo de relação com aquela pessoa né... E tudo bem também! A gente pode fazer pesquisas com quem não temos muita afinidade, porque o que influencia uma boa pesquisa é a capacidade de dialogar, entender o outro. E eu não entendo só aquelas pessoas das quais gosto mais, né?

HUGO: E como será que a gente faz, em situações assim... que o santo não bate ou que essa conexão não se estabelece?

LUÍSA: Acho que não é necessário sabe? ter algo em comum pra poder criar algum tipo de vínculo massa com quem você ta convivendo na pesquisa. É mais sobre se mostrar aberto a conhecer as histórias e ideias do outro.

HUGO: Sim, e, às vezes, uma antipatia que temos pelo outro pode nos indicar muita coisa sobre o tema da pesquisa, sobre a forma como escolhemos fazer essa pesquisa, sobre a gente, sobre eles, sobre nós.

LUÍSA: É... Acho que a gente tem que se perceber nas nossas relações, na nossa forma de se relacionar. E que é tudo tentativa e erro mesmo kkkk a gente vai aprendendo no caminho. Então, se é uma relação que só dá pra ir até determinado ponto e vai ser bom pra pesquisa mesmo assim, ótimo, sem problemas, a amizade não é condicionante pra boa antropologia acontecer. Mas assim, é uma possibilidade.

BLOCO 2: A pesquisa que caminha lado a lado.

(01:31-01:59) Falamansa- Amigo Velho (uma espécie de xote com forró):

Amigo velho

Eu te desejo sorte

Desejo tudo de bom

Tô com você até a morte

E eu sei você faria o mesmo

Amigo cê faria o mesmo

Eu sei você faria o mesmo

Amigo velho

Eu te desejo paz

HUGO: Então, bora voltar para pensar a partir do exemplo que trouxemos hoje. Como a Clarice se vê na relação com a Iranice? Como a Clarice percebe a Iranice?

Clarice: A Iranice, aí falando um pouco da minha relação com ela né... isso foi assim decisivo porque assim é... eu também sempre fiquei muito ligada nisso; chega essa pessoa essa pessoa que fala inglês fluentemente que estudou em Chicago, isso e L.A. Não sei quê eu entendi que tinha um fosso social, intelectual, educacional ali né e aí assim não adianta você dizer assim “ah esquece tudo isso aí tipo eu só quero saber o que é que você pensa”, “faz de conta que não existe”. Não dá né. Você tem que chegar junto nessa pessoa e mostrar: eu tô junto aqui com você né, eu to entendendo porquê, eu tô vendo aqui o que você tá fazendo né, o que você tá me contando e eu acredito nisso que você tá me dizendo, e tal. Então a gente começou esses passeios, por isso que eu acho que a nossa relação foi se aprofundando cada vez mais né... e a gente começou a conversar sobre mil coisas.

LUÍSA: E o contrário, como a Iranice vê a relação que foi surgindo com a Clarice? Qual é a opinião dela sobre essa antropóloga?

Iranice: Muito, super bacana né. Super simples né, como a gente é gente da gente né. E veio, e assim, a gente tem a Clarice na Mão Amiga como uma educadora também da Mão Amiga, uma pessoa que tá sempre lá, tá sempre resolvendo as coisas com a gente. Ela se tornou uma pessoa bem amiga nossa mesmo, né. E ela fez essa pesquisa, ela fez a pesquisa dela né, toda dentro da Mão Amiga, né. Mas quando a pessoa vem e faz uma pesquisa sabe, uma pessoa simples, que tá ali com você, que faz umas pesquisas tão simples que você responde. E isso é muito bom para a gente. Principalmente para a gente que é mãe né, mãe de autista, ou qualquer uma mãe mesmo, porque a gente fica, eu mesmo fiquei super lisonjeada da, do filho da gente ter participado ne. E o meu filho também, por causa dele, né?

LUÍSA: Então, a princípio, a gente pode pensar que são duas mulheres muito diferentes uma da outra. Mas a pesquisa na Antropologia permitiu esse encontro e elas foram descobrindo muitas coisas em comum, foram construindo um jeito de conviver.

HUGO: A regionalidade é algo em comum, os pais da Clarice são da mesma região da Iranice, na Paraíba.

LUÍSA: Pois é! E depois, a Iranice notou que a Clarice aceitava os convites, participava das reuniões na Associação, ia nas festas, acompanhava nos passeios pelo bairro que a Iranice fazia com o filho, o Paulo Igor.

HUGO: A relação delas não se deu de forma assimétrica né, a Clarice não se colocou como a detentora do conhecimento, por isso que a Iranice disse que ela era uma pessoa simples, próxima. Muito pelo contrário, a Iranice que é a especialista do assunto porque ela que vivencia ser mãe de um filho autista

LUÍSA: E isso ser levado em consideração faz toda diferença pra que possa surgir uma relação, uma amizade.

HUGO: E essa relação de amizade foi permitindo que elas fizessem coisas lado a lado, juntas, na parceria.

02:50 – 03:20) Falamansa- Amigo Velho (uma espécie de xote com forró):

*E as risadas que ainda vamos dar
As batalhas vencidas sem sabe
Que ainda tinha uma guerra pra lutar
Saiba que estou aqui quando sofrer
Estendendo a mão pra te ajudar
E eu sei você faria o mesmo
Amigo cê faria o mesmo
Eu sei você faria o mesmo
Amigo velho, amigo velho
Amigo velho, amigo velho*

LUÍSA: Quando você se aprofunda na realidade de alguém é natural imaginar que através da convivência laços são criados, que vai variando a intensidade com as condições da pesquisa e dos envolvidos, mas laços se criam né, muitas vezes. E falo que é natural porque quando queremos conhecer mais de algo ou alguém temos que nos dispor às trocas. E, entrar no território do outro para conhecer seu dia a dia, seus costumes, seu modo de lidar com os acontecimentos é uma concessão enorme que essa pessoa nos faz, e nós, como futuros antropólogos formados kkkkk, devemos enxergar as nossas pesquisas como algo que deve ter retorno também, para as pessoas as quais estamos falando né.

HUGO: A Iranice falou há pouco que ficou lisonjeada de ela e o Paulo Igor participarem da pesquisa. Um outro exemplo disso foi quando a Iranice foi dar uma aula sobre autismo na turma da Clarice na universidade:

Iranice: Então, foi surpresa para mim né. Ela me chamou e “Clarice o que eu vou fazer em uma aula?” né. “Você vai e você vai falar o que você quiser, vai falar do autismo do seu filho, vai falar de você, como você queira.” E olha... foi muito legal, foi muito legal. A Clarice, pra mim, é uma amiga pro resto da vida. A Clarice também abriu meus horizontes, ela conversou muito comigo, né? A gente ficou bem amiga mesmo, ela vem aqui em casa, vem na instituição. E... essa é uma amiga que eu quero pro resto da vida, só veio pra somar mesmo. Na Mão Amiga também, as meninas gostam muito dela, a Monica gosta muito dela.

03:22- 03:44 Falamansa- Amigo Velho (uma espécie de xote com forró):

*E eu tenho alguém com quem conta
Das histórias vividas com você
E as risadas que ainda vamos dar
Das batalhas vencidas sem sabe
Que ainda tinha uma guerra pra lutar
Saiba que estou aqui quando sofrer
Estendendo a mão pra te ajudar
E eu sei você faria o mesmo*

LUÍSA: Ai... a Iranice contando sobre a emoção de falar pra vários estudantes como especialista de sua experiência, do autismo do seu filho, como ela mesma fala, é fruto dessa

parceria né, desse contato mais próximo que as duas tiveram. E essa é a diferença, que esse episódio quer mostrar, em como a Serendípiã acaba sendo uma metodologia de estar atento e disposto ao inesperado, aos caminhos que as relações na pesquisa podem tomar. O caminho da pesquisa da Clarice, muito por conta da amizade entre ela e Iranice, teve retorno para pesquisa duas. Elas se conectaram, aprenderam uma com a outra, se emocionaram e se admiram muito. Essa possibilidade existe, e como é bom saber que ela existe, né?

HUGO: A gente falou aqui sobre duas tensões. Um estilo de pesquisa mais rígido, com passo a passo do que deve ser feito em contraste a estilos de pesquisar que se baseiam em entender que o campo é cheio de situações inesperadas, de incertezas e de se deixar ser afetado e afetar. Meu grande aprendizado com você, Luísa, nesse episódio, é não ter medo quando surge identidade, vontade de estar perto das pessoas, amizade mútua. Não ter medo de que isso vai atrapalhar a pesquisa, mas perceber que pode ajudar, pode viabilizar.

LUÍSA: Escutando a história das duas a gente percebe que o que aconteceu foi muito bonito, a nossa intenção é demonstrar como a antropologia é múltipla e que nossas pesquisas se tratam de relações, de contato com histórias, afetos, lutas, ideais, experiências e um monte de coisa que nos envolvem. Você não necessariamente precisa virar melhor amigo das pessoas com quem faz pesquisa, claro. Mas, histórias como da Clarice e Iranice nos inspiram muito a ter um olhar mais próximo, mais conectado e mais cuidadoso também. A pensar que a nossa pesquisa pode ter, também de modo inesperado, um monte de resultados para os dois lados.

HUGO: Então, pensando bem Luísa, há espaço para Serendípiã antes, durante e até depois da pesquisa!

FECHAMENTO

Música de fechamento: “Quem canta” (instrumental, ritmo alegre e descontraído, trazendo sentimento de leveza)

HUGO: E esse foi mais um episódio do Mundo na Sala de Aula. Aqui a gente conversou sobre os medos que às vezes a gente tem de começar e fazer nossa pesquisa. E um dos medos é sobre como se relacionar com as pessoas em campo. A Clarice e a Iranice nos mostraram que relações de amizade surgem do campo e como isso pode ter o potencial de nos aproximar de um entendimento melhor sobre nossa pesquisa. E também sobre a gente mesmo, sendo antropólogos em formação.

LUÍSA: Eu queria agradecer a todos os envolvidos diretamente e indiretamente no processo de criação desse episódio. A toda equipe do Mundaréu da UnB e Unicamp, às professoras Soraya Fleischer e Daniela Manica. A minha mãe e irmã, Marizelma e Natasha, por me ouvirem sempre com carinho e serem minha força, a Carmem, minha namorada, companheira de vida, meu amor, por estar juntinha comigo durante esse momento todo. E claro, aos meus amigos Lui, Evelyn, Alice, Bia, Tamy e tantos outros que estão comigo desde o início nessa graduação. Foi muito importante e muito prazeroso ouvir essas histórias e conversar sobre elas com você, Hugo! Muito, muito obrigada, meu bem.

HUGO: Gostaria de agradecer a você também, Luísa, pelo convite, amei participar desse episódio com você. Quem quiser conhecer mais do Mundo na sala de aula, é só visitar o site: <https://mundareu.labor.unicamp.br/>.

LUÍSA: Ou no seu tocador preferido de podcast.

HUGO: Abraço galera, até o próximo episódio do “Mundo em sala de aula”!

Materiais extras estão na página do episódio: <https://mundareu.labor.unicamp.br/5-mundo-na-sala-de-aula-serendipia-ha-espaco-para-amizade-no-trabalho-de-campo/>

Materiais que podem dialogar com este episódio:

- REZENDE, Claudia Barcellos. “A amiga brasileira: amizade e trabalho de campo em Londres”. *Comunicações do PPGAS/MN*, 6, 1995, pp. 35-52.
- GEEST, Sjaak Van Der. “Friendship and fieldwork: a retrospect as ‘foreword’”. *Curare* 38, 2015, pp. 3-8.
- OWTON, Helen; COLLINSON, Jacquelyn Allen. “Close but not too close: friendship as method(ology)”. *Journal of Contemporary Ethnography* 43(3), 2014, pp. 203-305.
- EDIRISINGHA, P.A.; ABARASH, J., FERGUSON, S.; AITKEN, R. “From ‘participant’ to ‘friend’: the role of Facebook engagement in ethnographic research”. *Qualitative Market Research* 20(4), pp. 416-434.
- DRIESSEN, Henk. “The notion of friendship in ethnographic fieldwork”. *Anthropological Journal on European Cultures*, 7(1), 1998, pp. 43–62.
- BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2007.
- JOUR, Guérios, Paulo. “Pesquisa participativa e julgamento dos interlocutores: uma reflexão a partir de pesquisas em Antropologia Visual”. *Ilha – Revista de Antropologia*, 17, 2015.
- VILAÇA, Aparecida. *Paletó e eu. Memórias de meu pai indígena*. São Paulo: Todavia, 2018.
- CRAPANZANO, Vincent. *Tuhami: Portrait of a Moroccan*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- RAMOS, Alcida. “Metodologias, nem contra, nem a favor, muito pelo contrário”. *Cuadernos de Antropologia Social* 50, 2019, pp. 21-31.
- BRETTELL, Caroline B. *When they read what we write. The politics of ethnography*. Westport: Bergin & Garvey, 1993.
- GERSHMAN, Kathleen. “Given to theatrics: how to agree with your critic on the qualities of qualitative research”. *International Journal of Qualitative Studies in Education* 2(1), 1989, pp. 41-43.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A, 1989.

Materiais extras:

- Currículo Lattes da Luisa Nascimento
- Currículo Lattes do Hugo Virgilio
- Currículo lattes da Clarice Rios
- Associação Mão Amiga, Bem viver com autismo, Pavuna/RJ
- “Amigo Velho”, do Falamansa (@bandafalamansa)
- “Rubber band”, fotografia de Peter Galbraith (Freelimages)

Expediente:

Apresentação: Luisa Nascimento e Hugo Virgilio

Produção: Luisa Nascimento, Hugo Virgilio e Soraya Fleischer

Montagem e edição do roteiro: Luísa Nascimento, Soraya Fleischer e Daniela Manica

Montagem e edição do episódio: Luísa Nascimento e Lucas Linardi Carrasco

Transcrição do episódio: Hugo Virgilio

Conteúdo do sítio eletrônico: Luísa Nascimento e Soraya Fleischer

Divulgação: Milena Peres e equipe do Mundaréu

Agradecimentos: Queria agradecer a todos os envolvidos diretamente e indiretamente no processo de criação desse episódio. A toda equipe do Mundaréu da UnB e Unicamp, às professoras Soraya Fleischer e Daniela Manica e ao Arthur Uihôa pela sugestão da música para o episódio. A minha mãe e irmã, Marizelma e Natasha, por me ouvirem sempre com carinho e serem minha força, a Carmem, minha namorada, companheira de vida, por estar juntinha comigo durante esse momento todo. E claro, aos meus amigos Lui, Evelyn, Alice, Bia, Tamy e tantos outros que estão comigo desde o início nessa graduação. Foi muito importante e muito prazeroso ouvir essas histórias e conversar sobre elas com você, Hugo! Muito obrigada, querido.